

A escola e seu território:
Experiências sobre o território em duas escolas públicas no Rio de Janeiro

SESSÃO TEMÁTICA: PROCESSOS FORMATIVOS SOBRE A PAISAGEM

Viviane Costa Faria
Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ
E-mail: viviane.faria@fau.ufrj.br

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ
E-mail: gisellearteiro@fau.ufrj.br

RESUMO

O artigo aborda a relação entre a escola e a cidade, explorando os conceitos de Educação Integral e Territórios Educativos com o propósito de compreender como os alunos de escolas públicas do ensino fundamental se apropriam dos espaços livres no entorno da escola. A ideia central deste artigo é relatar o processo da metodologia, que se baseia na avaliação pós-ocupação, aplicada em duas escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, realizadas com o apoio do grupo de pesquisa Ambiente Educação – GAE do PROARQ-FAU-UFRJ. O estudo destaca as percepções das crianças e dos docentes sobre os espaços livres, partindo do princípio de que a escola não deve se limitar aos seus muros, mas, sim, conectar-se ativamente com a comunidade, reconhecendo o direito das crianças à cidade. A pesquisa evidencia a importância da colaboração de todos os envolvidos para que a escola efetivamente interaja com a comunidade e expanda seu impacto para além dos seus limites físicos.

PALAVRAS-CHAVE: Território Educativo; Educação integral; Avaliação Pós-ocupação; Infância; Sistemas de Espaços Livres.

ABSTRACT

The article discusses the relationship between the school and the city, exploring the concepts of Integral Education and Educational Territories with the purpose of understanding how students from public elementary schools appropriate free spaces around the school. The central idea of this article is to report the methodology process, which is based on post-occupancy evaluation, applied in two schools in the municipal network of Rio de Janeiro, carried out with the support of the research group Ambiente Educação – GAE of PROARQ-FAU-UFRJ. The study highlights the perceptions of children and teachers about open spaces, based on the principle that the school should not be limited to its walls, but rather actively connect with the community, recognizing children's right to the city. The research emphasizes the importance of collaboration among all those involved so that the school effectively interacts with the community and expands its impact beyond its physical limits.

KEYWORDS: Educational Territory; Integral Education; Post-occupancy Evaluation; Childhood; Systems of Open Spaces.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre a escola e a cidade é um tema de grande relevância, pois influencia tanto a educação, quanto as políticas públicas e o desenvolvimento urbano. Este artigo explora as conexões entre a escola e seu entorno, sob a ótica da Educação Integral e do Território Educativo, reconhecendo a importância da apropriação da paisagem e dos espaços extramuros para uma formação cidadã. Assim, como questões disparadoras procura-se entender, como os estudantes e professores entendem e se apropriam dos espaços livres do território e como estes espaços se relacionam com a escola. A Educação Integral é um conceito que permite na prática a utilização do território, independentemente da localização da escola e do seu entorno social e urbano. Compreender como, e se, a comunidade escolar se conecta com o território e seus espaços livres no entorno da escola, nos auxilia no entendimento de que esse reconhecimento é um dos caminhos para que o aluno, os professores e a comunidade se vinculem ao lugar contribuindo para a constituição deste território educativo.

Entendendo a necessidade de compreender como a comunidade escolar reconhece o território ao redor da escola, optou-se por investigar as múltiplas percepções sobre os espaços livres, enfatizando que a escola deve ser vista não como um espaço isolado, mas como um equipamento social que interage e se conecta com a cidade. Na abordagem metodológica, foram adotados instrumentos da metodologia de Avaliação Pós-ocupação (Rheinhardt et al, 2009), com o objetivo de entender melhor a relação existente entre esta comunidade e o território, permitindo assim um diálogo com as crianças e com os docentes. A pesquisa participativa é a base desta pesquisa, entendendo que sem a participação dos usuários no território, através de inserções na comunidade e na escola, não é possível fazer uma pesquisa rica e fidedigna a realidade desta comunidade.

A partir deste questionamento, foram realizadas oficinas em duas Escolas Municipais do Rio de Janeiro. As escolas que participaram das oficinas, foram selecionadas a partir de resultados obtidos pela pesquisa “Mapeamento Afetivo do Rio de Janeiro” de 2022¹, pesquisa esta que envolveu três grupos de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ – PROARQ: o Grupo Ambiente Educação – GAE, o Grupo de Sistemas de Espaço Livre – SEL-RJ e o Grupo Projeto e Representação do Ambiente –PROAMB em conjunto com a prefeitura do Rio de Janeiro. As escolas fazem parte da 7ª CRE – Coordenadoria Regional de Educação², região abarcada pela pesquisa. As oficinas realizadas nas duas escolas municipais do Rio de Janeiro, fazem parte da pesquisa “Mapeamento afetivo dos territórios educativos do Rio de Janeiro: interlocuções e redes alinhadas aos objetivos de desenvolvimento sustentável”³ coordenada pela Profa. Giselle

¹ Esta pesquisa foi aplicada duas vezes na rede de ensino municipal do Rio de Janeiro, em 2019 e 2022.

² A região que configura a 7ª CRE abrange parte da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, incluindo os bairros de: Anil, Barra da Tijuca, Cidade de Deus, Curicica, Freguesia, Gardênia Azul, Itanhangá, Jacarepaguá, Praça Seca, Rio das Pedras, Taquara, Pechincha, Tanque, Vila Valqueire, Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande e Vargem Pequena

³ Projeto Aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa do HOSPITAL UNIVERSITÁRIO CLEMENTINO FRAGA FILHO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO / HUCFFUFRJ (cep@hucff.ufrj.br), em 03/07/2021 – Parecer nº: 4.824.852.



Azevedo, coordenadora do Grupo Ambiente Educação – GAE, um desdobramento da pesquisa mencionada anteriormente, o Mapeamento Afetivo do Rio de Janeiro.

A primeira escola escolhida para ser aplicada a oficina foi a Escola Municipal Professora Didia Machado Fortes, localiza-se na Barra da Tijuca, bairro caracterizado por ser uma região de condomínios fechados e shoppings centers. As características naturais, que incluem a extensa faixa litorânea, lagoas (Marapendi e Tijuca), parques e centros culturais circundam essa paisagem. A instituição de ensino está situada dentro de um desses condomínios fechados, entretanto a maioria dos estudantes não residem neste local. As crianças vivem em bairros ou comunidades situados fora do bairro, áreas com condições econômicas menos favorecidas.

A segunda oficina foi desenvolvida na Escola Municipal Rosa do Povo, localizada na Taquara, bairro periférico de classe média/baixa, caracterizado por alta densidade demográfica, poucos espaços livres e poucos espaços de cultura, além de ser uma região considerada de alta violência urbana. A escola fica próxima a uma praça, e os estudantes moram nas comunidades próximas. A maioria deles vai a pé ou de transporte público até a instituição.

A oportunidade de trabalhar em duas instituições, com contextos tão diferentes, foi muito importante para esta pesquisa. Entender como o entorno e sua paisagem se relacionam com as escolas e como esse contexto tem um papel importante na apropriação do território pelas crianças, mas também pelos professores e por toda a comunidade escolar, é o que move este trabalho.

2. EDUCAÇÃO INTEGRAL, TERRITÓRIO EDUCATIVO E OS PLANOS PEDAGÓGICOS DAS ESCOLAS

É importante ressaltar que um corpo docente comprometido com o conceito de Educação Integral é fundamental para que este projeto aconteça na prática, no cotidiano da escola.

A Educação Integral auxilia a construção desta ponte entre a escola e a cidade, trazendo para o âmbito pedagógico o território. Assim a Educação Integral não se refere ao tempo em que a criança está na escola, mas em como a criança aprende interagindo de diversas formas com a cidade e com o que ela tem a oferecer em seu entorno. Uma praça pode ser mais do que um lugar para descansar enquanto espera um amigo chegar. Pode ser um lugar onde a criança aprende a se relacionar com o próximo, a respeitar a cidade, as normas de trânsito e se entende como cidadão, como parte desta cidade. A educação acontece para além dos muros da escola. É um projeto coletivo, sendo compartilhado pelas crianças, educadores, famílias e a comunidade local.

Segundo o Centro de Referência em Educação Integral⁴:

A Educação Integral é uma concepção que compreende que a educação deve garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões – intelectual, física,

⁴ As informações sobre o Centro de Referência em Educação Integral estão disponíveis no seguinte link: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/escola-em-tempo-integral-mec-anuncia-politica-de-expansao-da-jornada/>.



emocional, social e cultural e se constituir como projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades locais. (CEI, 2023)

Reintegrando a ideia de que o desenvolvimento total da criança só acontece neste ambiente integrado, coletivo, entende-se que “o conhecimento adquirido na escola não esgota o conjunto de saberes necessários para a construção da cidadania e a participação na sociedade” (AZEVEDO et al, 2016). A ideia central do Território Educativo é justamente utilizar este entorno da escola para uso e apropriação das crianças. Para isso é preciso entender que a paisagem, o território com seus espaços, equipamentos (sejam eles públicos ou privados), ruas, praças, suas memórias, suas manifestações artísticas e sociais podem se tornar parceiros nesta construção deste território educativo. E claro, não basta preparar a cidade para receber estas crianças, mas também é necessário que a escola, e seus gestores, estejam predispostos a saírem de seus espaços e se conectarem com a comunidade e parceiros. É preciso olhar para o entorno, buscar ajuda, reflexão dentro e fora da escola, discutir. É preciso explorar.

Um conceito que defende esta aproximação da cidade, seu território e a escola é a Pedagogia da Cidade, cunhado por Leonardo Marino⁵. Marino entende que o ensino não pode estar separado do dia a dia dos sujeitos, tanto dos que ensinam quanto dos que aprendem. É preciso reconhecer que o território em que esta escola e sua comunidade estão inseridas, interferem no processo de aprendizagem dentro e fora da escola (Marino, 2023). Marino defende que é fundamental que se olhe para a diversidade existente no espaço das cidades e no entorno das instituições escolares, e que incorpore este território múltiplo, plural no currículo, democratizando o território, o currículo e os saberes. Ele defende que “novas formas de aprender e ensinar precisam ser constituídas (...) uma pedagogia que se estabeleça nas brechas, nas fissuras dos currículos rígidos e que incorpore a vida humana em sua diversidade e múltiplas territorialidades” (Marino, 2023, p. 30), entendendo que o território deve ocupar um lugar central nesta discussão.

Mas antes do professor resolver sair da sala de aula, o Plano Pedagógico Anual da escola indicará os temas que serão o foco daquele ano e trabalhados pelos professores. Quando gestores, coordenadores, pedagogos e professores trabalham juntos, as chances de transformar um projeto em realidade aumentam bastante. Essa colaboração é fundamental para que as ideias saiam do papel e realmente façam a diferença na sala de aula, fortalecendo o ambiente de aprendizagem. Assim, foi importante conhecer o Plano Pedagógico Anual⁶- PPA de cada escola visitada para entender a posição da coordenação pedagógica em relação à Educação Integral e seu Território Educativo.

Na Escola Didia, o PPA deixa claro a postura da escola de tentar se integrar ao território. O tema trabalhado naquele ano foi: “a reflexão sobre o mundo de hoje, como nós nos relacionamos, como o coabitamos e o futuro que queremos deixar para as próximas gerações”. Os dois subtemas trabalhados no primeiro semestre daquele ano foram cidade e natureza, com o tema específico: A Cidade e suas maravilhas, a cultura, as paisagens

⁵ Leonardo Marino é geógrafo, prof. Adjunto da UERJ, compõe o grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica – GEPEG, do Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica - PPGEb, desenvolvendo a linha de pesquisa “Juventudes, Cidades e Territórios: um olhar sobre as diferentes formas de educar”. Ele apresenta esse conceito em seu livro A Cidade como Sala de Aula: Educar e aprender no território organizado pelo grupo de Pesquisa GEPEG.

⁶ O Plano Pedagógico analisado e consultado foi o de 2023, da Escola Municipal Prof. Didia Machado Fortes, o Plano Pedagógico de 2024, da Escola Municipal Rosa do Povo.



naturais e urbanas. É clara a importância que a coordenação pedagógica da instituição escola dá a cidade, no entanto, quando o PPA menciona recursos a serem utilizados, o que vem em primeiro lugar é utilizar “os recursos naturais ao redor da escola (Lagoa Marapendi, praia da Barra da Tijuca)” (PPA, 2023. Pág. 7).

Na Escola Rosa do Povo, no ano das oficinas, o tema principal que permeava os trabalhos educativos da escola era a Cultura, “entendida como a produção artística, o modo de vida, o conjunto de saberes, a religião e outras expressões de um povo” (PPA, 2024. Pág. 1). Três palavras chaves foram definidas para serem trabalhadas naquele ano: gentileza, amor e arte, sendo que Arte Urbana foi trabalhada em uma das turmas do quinto ano do fundamental.

Percebe-se que a Escola Didia tinha no Plano Pedagógico um foco maior na cidade e seus espaços livres, enquanto a Escola Rosa do Povo mencionava “arte e cidade”, mas não sugeria especificamente uma aproximação dos espaços urbanos às atividades da escola.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa teve como suporte a Avaliação Pós-ocupação, adotando como estratégia a abordagem experiencial (Rheinhantz et al, 2009). O objetivo principal das atividades era entender como acontecia a relação da escola com os espaços livres que a cercavam, sejam eles intra ou extramuros.

A seleção dos instrumentos se deu de acordo com a necessidade de entender a relação e a vivência dos estudantes com os espaços externos e o território do entorno da escola, mas também entender a visão da comunidade docente sobre a importância deste território como espaço educativo.

Nas duas escolas, foram aplicados mais de um instrumento, como a análise Walkthrough, o Mapa Comportamental, Mapeamento Visual (“mapete”), Jogo da Memória entre outros, mas neste trabalho será apresentado a aplicação de dois instrumentos que se mostraram essenciais para o entendimento da relação da comunidade escolar com o território, o “Mapete” com as crianças e o Questionário, aplicado aos adultos.

3.1 “Mapete”

O instrumento baseia-se no Mapeamento Visual, que foi desenvolvido por Ross Thorne e J. A. Turnbull (1995). Essa técnica permite identificar a percepção dos usuários, neste caso, das crianças, em relação a determinados espaços, abordando aspectos como localização, apropriação, demarcação de territórios e as possíveis inadequações encontradas (Rheingantz et al, 2009). No contexto deste trabalho, o objetivo foi entender a percepção que as crianças têm dos espaços livres e suas apropriações nos ambientes urbanos. O instrumento foi utilizado para permitir que as crianças se desprendessem do ambiente tradicional da sala de aula e pudessem explorar a paisagem sob uma perspectiva diferente.

Escola Didia:

O instrumento foi aplicado em uma turma do terceiro ano do ensino fundamental. A turma foi dividida em quatro grupos, com um pesquisador⁷ assumindo a responsabilidade por um desses grupos no período de 50 minutos (Figura 1). Para cada grupo, foram fornecidos dois mapas que apresentavam os espaços livres da região. Um dos mapas representava o condomínio, onde a escola está localizada, e o outro, em uma escala mais ampla, que mostrava os arredores, incluindo o Barra Shopping, a Avenida Ayrton Senna, a Lagoa e outros elementos urbanos.

Figura 1: Registros da aplicação do Mapete para a turma de terceiro ano EMDMF



Fonte: Acervo GAE, 2023.

As crianças compartilharam suas opiniões através de conversas, escritos, adesivos e desenhos, permitindo que expressassem suas lembranças e críticas em relação ao ambiente que as cercava (Figuras 2 e 3). Os estudantes identificaram a escola e os espaços livres no condomínio, como a quadra e a pracinha, bem como o comércio nas proximidades da escola. No entanto, eles não reconheceram as áreas às quais não tinham acesso, como o clube e os espaços dentro e entre os prédios.

Figura 2. Exemplos da aplicação do Mapa do Condomínio



Fonte: elaborada pelas autoras.

⁷ Para a implementação deste dispositivo, contamos com o apoio de mais dois pesquisadores do grupo de pesquisa GAE do PROARQ FAU UFRJ, a fim de atender a turma do terceiro ano do ensino fundamental.

Figura 3. Exemplos da aplicação do Mapa do Território



Fonte: elaborada pelas autoras.

Quando se tratava da escala mais ampla, foi evidente que as crianças enfrentavam maiores dificuldades em reconhecer os espaços, principalmente devido à representação em planta do território. No entanto, quando esses locais eram identificados pelos pesquisadores, eles eram prontamente reconhecidos pelas crianças.

Apesar desse reconhecimento limitado dos espaços livres mais amplos, percebe-se que as crianças têm uma falta significativa de experiência nesses lugares. Muitas só vivenciam o bairro pela janela da condução, pois a maioria delas vivem em bairros afastados e, frequentemente, em condições precárias, o que limita suas oportunidades de explorar esses espaços fora do horário escolar.

Escola Rosa do Povo:

Este instrumento foi aplicado no segundo dia de oficina⁸, onde a turma⁹ estava dividida em 4 grupos, com 8 alunos em cada grupo. Neste dia, o objetivo era o reconhecimento do território do entorno da escola. Foi apresentado para cada grupo, um mapa aéreo do bairro da escola – o “mapete” (Figura 4).

Figura 4. Registros da aplicação do Mapete para a turma de quinto ano da Escola Rosa do Povo.



⁸ Nesta escola foi desenvolvida uma oficina de Educação Urbanística Ambiental durante 4 dias, seguindo a programação desenvolvida pelo GAE em conjunto com a escola.

⁹ Nesta escola aplicamos o dispositivo para uma turma de quinto ano do ensino fundamental e contamos com o apoio de mais pesquisadores do GAE para atuar com os outros grupos.

Assim, cada pesquisador em seu grupo de trabalho, debruçados sobre o mapete, solicitava que os estudantes identificassem a escola. E, a partir dela, a identificação de mais elementos significativos do entorno, como outras escolas, praças, posto de saúde, supermercado etc. Num terceiro momento solicitamos que eles identificassem suas próprias casas.

Ficou evidente que as crianças reconheciam mais o território pela região que circulavam. A maioria dos estudantes mora no bairro e vão a pé ou de ônibus para a escola. Todos os alunos do grupo trabalhado reconheceram sua casa e seu percurso até a escola, além de identificarem o comércio local, praças e quadras que frequentavam. Como também reconheceram áreas do entorno mais problemáticas e perigosas. Ficou claro que estes estudantes, moradores da região, circulam pelo bairro, tanto em seu trajeto casa-escola quanto em outros momentos do seu cotidiano. Essa interação com o território faz com que eles reconheçam mais a região, seus desafios, particularidades e oportunidades. Muitos relatam que fazem este trajeto, mas que não ficam muito na rua, pois “tem muito bandido e violência”. É importante perceber que por mais que estes estudantes morem perto da escola, devido ao entorno violento, não utilizam o entorno com tanta frequência, salvo alguns lugares bem específicos, como uma quadra de futebol, ou a padaria, mas sempre acompanhados do responsável.

3.2 Questionários

Entendendo que sem o engajamento do corpo docente a apropriação e uso dos espaços livres não ocorrem, procurou-se saber se este tem o entendimento do que é a Educação Integral e como eles se utilizam dos espaços livres em suas aulas. Para isto, foi aplicado um questionário destinado a todo corpo docente, incluindo professores, coordenadores e diretor. O questionário continha perguntas como: - Qual o seu entendimento sobre Educação Integral? Quais espaços dentro e fora da sala de aula são utilizados como ambiente pedagógicos? Caso seja possível utilizar outros espaços, o que você sugere? Como você descreveria a relação da escola com os moradores do Condomínio?¹⁰

Escola Didia:

Nesta escola 6 questionários foram preenchidos. Na maioria dos questionários respondidos, verificou-se que o corpo docente entende o conceito da Educação Integral, e confirmam que a escola utiliza seus princípios nas atividades escolares. Sobre os espaços utilizados como ambiente pedagógico, a maioria respondeu que utiliza a sala de aula, o auditório e a sala de leitura e disse também que não tem outros espaços externos na escola para utilizar. Alguns professores disseram que também utilizam o pátio e o corredor. Também foram citados espaços externos como a quadra de futebol (que é compartilhada com a outra escola) e a pracinha do condomínio (figura 5).

¹⁰ Esta última pergunta foi específica para a Escola Didia, a primeira escola que aplicamos o questionário.

Figura 5. Vista aérea do condomínio onde está localizada a Escola Didia



Fonte: Google Earth - elaborada pelas autoras.

A diretora e a coordenadora citaram a utilização de outros equipamentos e espaços externos, principalmente com as turmas mais velhas, como a Lagoa Marapendi e a Cidade das Artes. Com as turmas menores fazem passeios mais próximos, como a feira que acontece ao lado da escola. A maioria mencionou que é necessário a autorização dos pais para atividades externas, o que dificulta a saída de alunos da escola para tais atividades.

Quando é perguntado sobre utilizar outros espaços livres, alguns professores sugeriram utilizar os espaços do condomínio, como a quadra, a pracinha e o clube, mas a questão das autorizações sempre é um problema a ser enfrentado. Também foi levantada a possibilidade de utilizar a praia como local para ir com os estudantes, mas ressaltam que “essas duas faixas de trânsito para travessia nos limitam”.

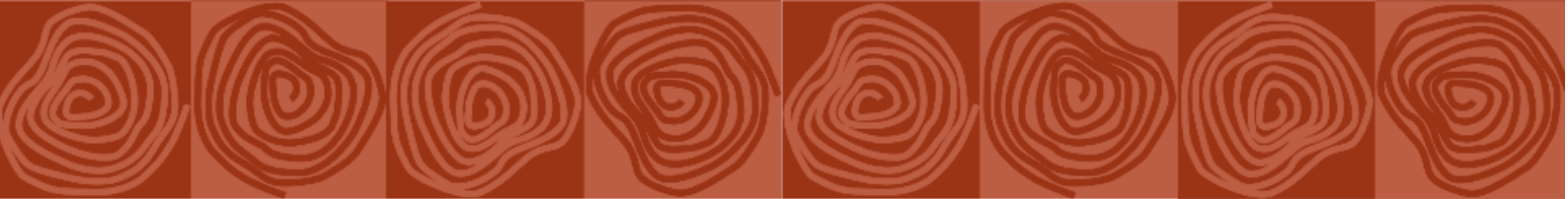
Ao serem questionados sobre a relação com os moradores do condomínio, a maioria dos professores menciona que a relação não é boa, utilizando adjetivos como “frio”, “distante” e “desconforto”, pois alguns moradores reclamam do barulho e do trânsito do transporte escolar no condomínio.

Escola Rosa do Povo:

No questionário aplicado nesta escola, foram acrescentadas mais 2 perguntas, na tentativa de entender melhor a relação da escola com a comunidade e seu entorno. Foram elas: Fora da escola quais os espaços que você sugere para serem usados em suas atividades pedagógicas? Como você descreveria a relação da escola com os moradores do bairro e a comunidade escolar (pais, professores, agentes públicos)?

Na Escola Rosa tivemos 12 questionários preenchidos pelos professores. Neles foram possíveis observar que todos tem um correto entendimento do conceito de Educação Integral, além de concordar com a importância deste conceito dentro da comunidade escolar. Quase todos os professores mencionam outros espaços fora da sala de aula como espaços alternativos para suas aulas, mas todos se encontram dentro da escola, como a sala de espelhos, o anfiteatro, a quadra e até os corredores.

Os professores citaram outros espaços fora da escola como uma opção de espaços pedagógicos, como museus e praças. Citam ainda, atividades que poderiam ser feitas com as crianças fora da escola, como piqueniques nos parques do entorno, mas ao mesmo tempo reconhecem que a questão da violência é uma preocupação que restringe essas



saídas: “Por questões de segurança física, não vejo como outros espaços possam ser utilizados.” E questões de ordenamento urbano, dificultando a saída destas crianças: “O entorno escolar não oferece a menor segurança: trânsito intenso, calçadas ocupadas, policiamento insuficiente”.

Um ponto positivo é a relação da escola com a comunidade. Ela foi citada como uma boa referência para a comunidade e sempre procurando envolver os pais nas atividades escolares, como a Festa Junina que acontece anualmente e é um momento cultural importante de confraternização.

4. RESULTADOS E REFLEXÕES

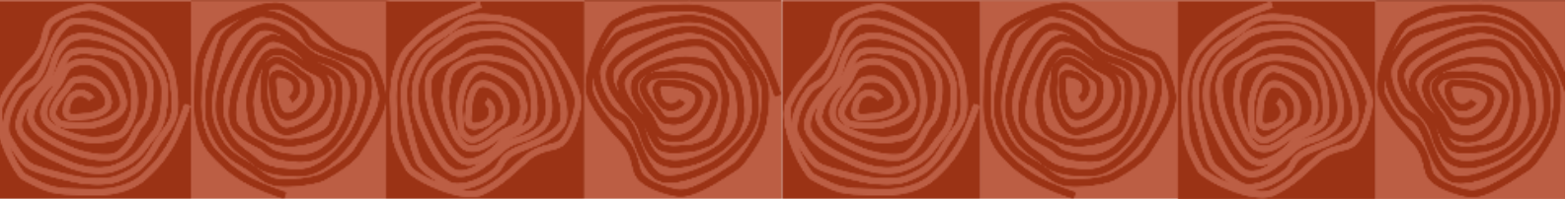
As duas escolas demonstraram um elevado grau de abertura e cooperação ao receber a pesquisa acadêmica. Fomos calorosamente acolhidos. Durante as atividades com as crianças, foi clara a alegria que demonstraram ao participar de uma atividade que difere do usual. Além disso, um tipo de aprendizado diferente, envolvendo o contato com representações gráficas que são usuais na Arquitetura e Urbanismo, bem como, a oportunidade de problematizar o contexto urbano que não é muito explorado em sala de aula. As atividades proporcionaram experiências diversas que as crianças poderão compartilhar com sua família em casa, gerando discussões sobre a cidade não apenas na escola, mas também em seus lares.

Já em relação ao corpo docente percebemos que nas duas instituições existe uma vontade em utilizar os espaços livres e equipamentos no entorno da escola. Na escola Didia, onde o entorno é mais seguro, menos violento, a dificuldade está na falta de autorização dos pais ou pessoal suficiente para ajudar na empreitada, dificultando a saída da escola. O que percebemos é que sem a colaboração de todo o coletivo, estas atividades fora dos muros da escola dificilmente irão acontecer. E no cenário desta escola específica, onde ela está localizada longe da comunidade original dos alunos, fica mais difícil algum familiar se deslocar para ajudar num passeio ou numa ida ao parque. E no sentido inverso também acontece, pois como as crianças não são moradoras do condomínio, o próprio condomínio se mostrou hostil a elas, não deixando que frequentem as pracinhas do condomínio, reclamando do barulho e trânsito na hora da entrada e saída da escola.

Em um cenário distinto, na escola Rosa do Povo, a comunidade escolar mora e circula no bairro da escola. As crianças utilizam o entorno da escola, como a praça em frente e a padaria ao lado, enquanto aguardam a entrada e saída da escola. O reconhecimento do entorno é muito maior, tanto das áreas seguras quanto das áreas que devem ser evitadas, pela segurança ou pelo abandono físico. A questão da violência é citada como um impeditivo para sair com as crianças para alguma atividade fora da escola.

Nos dois casos percebemos um afastamento da comunidade do território. Mas fica claro que no caso da segunda escola, apesar da violência urbana, as crianças circulam a pé pelo entorno, e esse ato faz com que eles reconheçam mais seu território, com um olhar mais crítico e sabendo mais quais são os “lugares bons e ruins para ir”.

Trabalhar com estas crianças o entorno, em tão diferentes contextos urbanos, nos faz refletir como essas crianças poderiam se apropriar desta paisagem, negadas a ela, seja



por uma questão social ou de violência urbana. Ao trabalharmos com elas, mesmo que através de mapas, discussões, desenhos já aproximou estas crianças ao seu entorno, refletindo sobre as qualidades e problemas da sua região. Essa discussão trouxe questionamentos sobre a importância de olhar para a paisagem, não como bela ou feia, mas como parte de um território ocupado e que pertence a elas. Trabalhar o pertencimento, o vínculo com o território contribuiu para a constituição do território educativo, ponto central desta pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos o entendimento de como a escola se relaciona com seu território educativo, nos deparamos não só com questões desde ordem prática, como falta de pessoal e recursos, como também questões de ordem social, quando nos deparamos com a comunidade do condomínio apartada da escola do convívio em suas áreas comuns e questões de segurança pública. Entendemos que na primeira escola, o fato dela não estar localizada ao lado da comunidade de seus alunos, gera um ponto de ruído entre sua comunidade local e a instituição. Esta comunidade não abraça a escola, não existe um sentimento de pertencimento daquele equipamento ao condomínio, pois os filhos dos moradores do condomínio não frequentam a escola. O condomínio é de classe média alta, e a escola, uma instituição pública, sendo a maioria de seus alunos de classe mais pobre. Um conflito social muito presente na realidade brasileira.

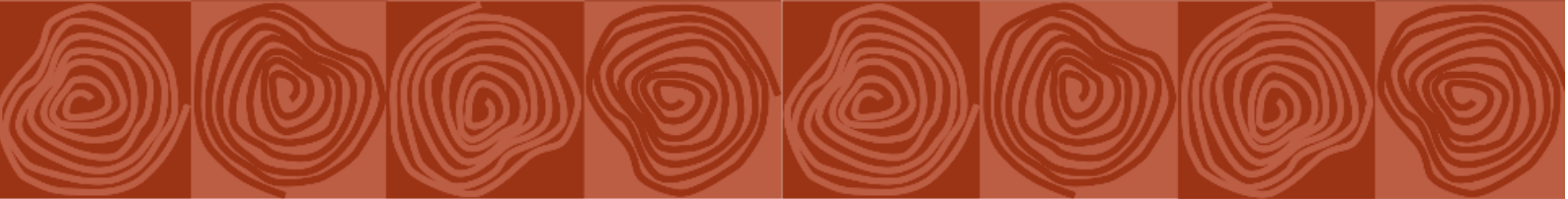
Ao propormos que a Educação Integral seja o agente catalisador dessa relação comunidade / escola, percebemos como é importante essa conexão, pois mesmo com esta relação conflituosa, a aproximação quebra barreiras e desmistifica. A escola pública não é um problema para aqueles moradores, assim como o condomínio não é um empecilho para a saída da escola à rua. A comunidade escolar deve ocupar o seu lugar no espaço entendendo sua importância social transformadora.

No caso da segunda escola, Escola Rosa do Povo, a diretora ressalta que os pais dos alunos são muito presentes na escola, tanto no dia a dia, quanto em festas e eventos promovidos pela instituição. A escola se sente abraçada pela comunidade, assim como a os pais se sentem integrados na comunidade escolar.

Um dos princípios da Educação Integral é a construção coletiva desta relação escola, comunidade e sujeito, sendo o território o lugar para que esta interação aconteça. Conforme argumenta Azevedo et al:

O enraizamento e o pertencimento a determinados lugares reduzem os temores e facilitam a apropriação. Assim, na medida em que os usuários iniciam um processo de construção e delimitação do seu território educativo, esses lugares se tornam mais amigáveis, os percursos mais reconhecidos e a vizinhança assume uma postura mais parceira e articulada com a escola, sejam as instituições existentes ou os próprios moradores da região. (AZEVEDO et al, 2016. Pag. 21)

Um possível desdobramento destas oficinas seria levar as crianças para o território, para que elas pudessem explorar esse território junto com sua comunidade escolar. Essa ideia já permeava o grupo quando foi proposto a oficina na Escola Rosa do Povo, mas foi desencorajado pela diretora, por receio do entorno violento e com pouca segurança. Mas



perseguir esta ideia, mesmo em contexto não tão amigável, ainda assim é um recurso para que a comunidade se aproprie de seu território, criando vínculos com a sua paisagem.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão das bolsas de pesquisa das pesquisadoras.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. **Sobre o habitar das crianças no espaço público: desenclausurando a infância.** In AZEVEDO, Giselle (org.) *Diálogos entre Arquitetura, cidade e infância: territórios educativos em ação*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, p. 22-35, 2019.

AZEVEDO, Giselle.; RHEIGANTZ, Paulo Afonso.; COSTA, Rodrigo. **Educação Integral e território Educativo: Diálogos possíveis em um coletivo complexo.** In: AZEVEDO, Giselle.; RHEIGANTZ, Paulo Afonso; TÂNGARI, Vera Regina. (org.). *Do Espaço Escolar ao território educativo: O lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade*. Rio de Janeiro: Riobooks, p. 17–27, 2016.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Escola em tempo integral: MEC anuncia política de expansão da jornada.** Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/escola-em-tempo-integral-mec-anuncia-politica-de-expansao-da-jornada/>. Acesso em: 11 set. 2023.

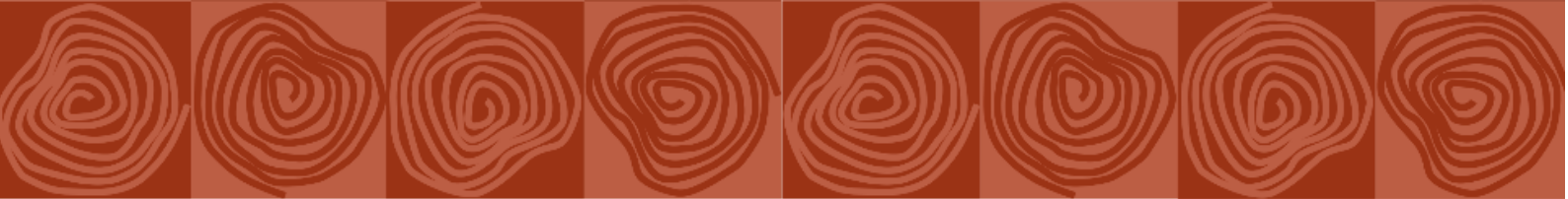
FARIA, Ana Beatriz. **Quando a escola salta os muros.** In AZEVEDO, Giselle; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; TÂNGARI, Vera Regina. (org.) *Do Espaço Escolar ao território educativo: O lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade*. Rio de Janeiro: Riobooks, p. 29-43, 2016.

GOULART, Maria Antônia. **Itinerários Formativos na Cidade Educadora: uma escola sustentável para uma cidade educadora.** In AZEVEDO, Giselle; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; TÂNGARI, Vera Regina. (org.) *Do Espaço Escolar ao território educativo: O lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade*. Rio de Janeiro: Riobooks, p. 67-73, 2016.

MARINO, Leonardo Freire. **Por uma pedagogia da Cidade: reflexões sobre educar e aprender com o território.** In MARINO, Leonardo Freire (org.) *A Cidade como Sala de aula: educar e aprender no território*. Curitiba: CRV, p. 21 – 24, 2023.

PPA - **Plano Pedagógico Anual**. EMDMF - Rio de Janeiro, 2023.

PPA - **Plano Pedagógico Anual**. EMRP - Rio de Janeiro, 2024.



RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle; BRASILEIRO, Alice. **Mapeamento Visual**. In RHEINGANTZ, Paulo Afonso (org). Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, p. 50-57, 2009.

SÃO PAULO. **Gestão Urbana – Prefeitura SP: Territórios CEU**. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/territoriosceu/territoriosceuprojetos/>. Acesso em: 11 set. 2023.